



Foto: San Payo

N . ° 48 - M A I O - 1951

menina e moça



**VIVA NA
Paz
de
DEUS!**

AINDA ides receber este número da «Menina e Moça» com Portugal em luto. Tardou de negro a nossa terra. Toda a nossa terra (parece que nem houve maus desta vez!) chorou.

E ajoelhou a rezar por ele, o nosso querido Presidente.

A bandeira da M. P. F. fez-lhe as últimas honras, à entrada do mosteiro, onde agora dorme na Esperança, sob as ogivas manuelinas que tantas glórias têm visto passar, ao longo dos anos da sua idade velhinha.

Morreu o nosso Presidente!

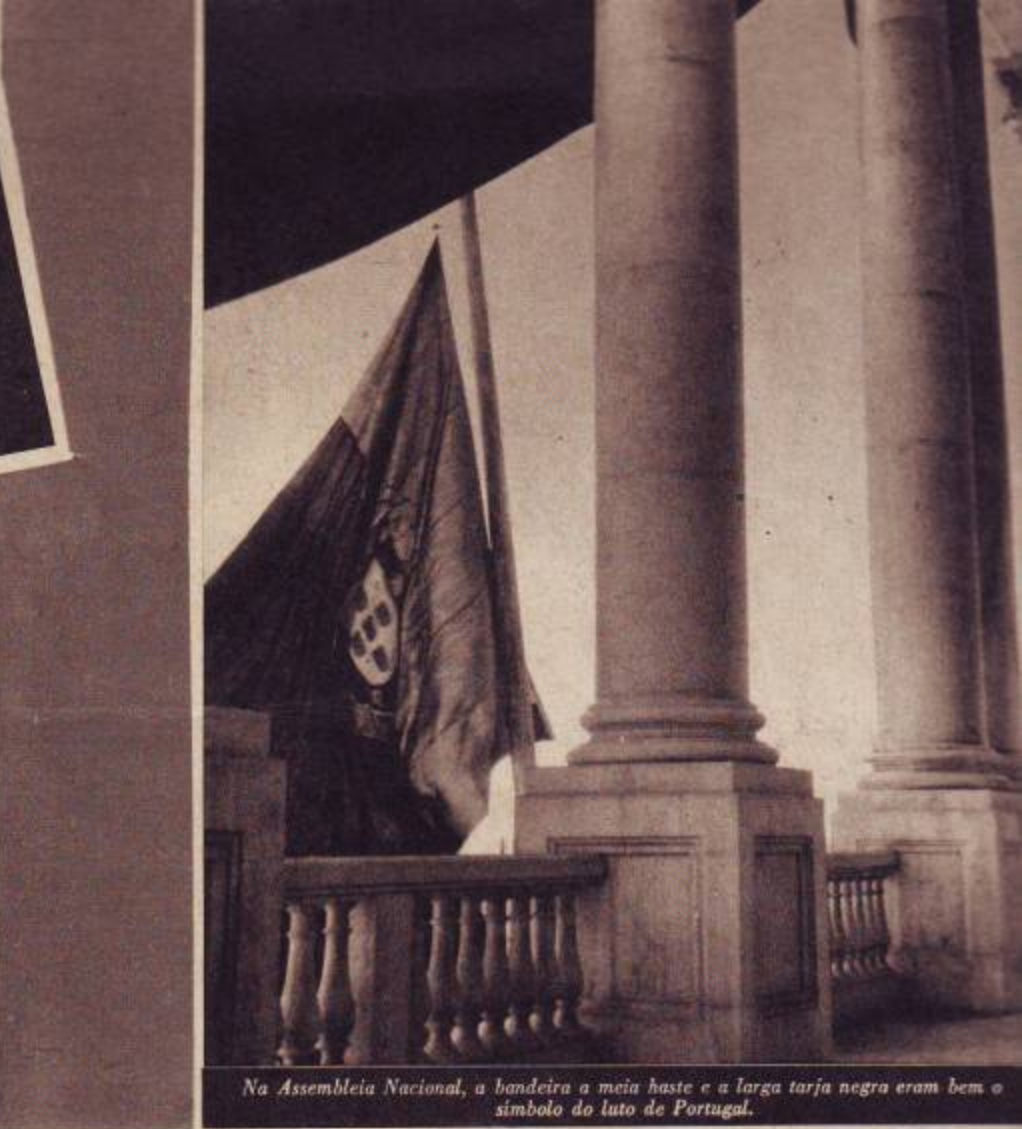
Desde há vinte e cinco anos entrara na intimidade da Família portuguesa. Não havia lar português onde ele não tivesse lugar: fosse de que maneira fosse, havia sempre um pouco de parede para o seu retrato. Era das nossas famílias. Todos lhe queríamos bem. Nem um azedume, nem uma queixa, nem uma inveja — porque ele também nunca ferira ninguém e nunca atropelou ninguém. Era bom. Era um homem bom — dos da velha ténpera, dos da velha cêpa antiga, que ainda os há neste Portugal de agora.

★

Dificilmente morrem homens como ele. Dificilmente. Daqui em diante todas as mães portuguesas ensinarão aos seus filhos o nome de Carmona quando lhes ensinarem a decorar outros nomes entre rezas lindas a Deus.

Foram vinte e cinco anos de governo sóbrio e prudente. Vinte e cinco anos à frente das coisas públicas: — firme, corajoso, bom, cavalheiresco, fidalgo...

Foi soldado da Honra.
Foi pagem da Lealdade.
Foi cavaleiro andante da Hora Nova.



Na Assembleia Nacional, a bandeira a meia haste e a larga tarja negra eram bem o símbolo do luto de Portugal.

★

De tudo fez serviço da Pátria.

Foi um que serviu

Pôs Portugal acima de tudo.

A sua dama foi Portugal.

Bandeira, só uma saudou: a bandeira santa de Portugal. Ficava bem, como nunca ficou a ninguém, a embrulhar-lhe a urna que agora o guarda no túmulo, aquela bandeira nacional que o cobria quando passou entre alas de lágrimas e de orações, na tarde calma e cinzenta daquele sábado, a caminho da Praça do Império, a caminho da morada de onde há-de um dia ressurgir para a Glória e para a Vida.

★

Nunca foi necessário escrever tão pouco sobre uma vida tão grande, tão cheia...

É preciso mesmo não profanar.

Saudade, sim. Respeito, sim.

Depois, imitar.

Imitar-lhe a simplicidade.

Imitar-lhe a honradez.

Imitar-lhe a nobreza de vida.

E' uma vida — padrão.

Já é uma coluna da nossa História.

Só um dia, muito tarde, a sua figura se agigantará às justas proporções que a verdade sem política lhe marcará.

★

Choremo-lo cristãmente.

Recordemos a sua memória e juremos que havemos de levá-la erguida sempre bem alta contra todos os medos e todas as tentações.

Choremo-lo sempre.

Sufraguemos a sua alma peregrina e boa, de uma bondade que ele certamente aprendeu no Evangelho de Jesus.

Que descanse em Paz!

Ele que fez a paz e nos deu a paz...

Ele que sofreu pela paz...

Ele que serviu a paz...

Ele que morreu em paz...

...Deus lhe tenha dado, em recompensa, a alegria da Paz Eterna.

G. A.

MAIS G

Se recordação é vida, e saudade é ainda existência, Carmona vive e existe na memória de quantos o lembram e no coração de quantos o lamentam. Vive e existe no coração de muitos milhões de portugueses que ele dirigiu.

Carmona e Salazar, dois nomes que ficarão para sempre unidos

NUM livro maravilhoso começado há mais de oitocentos anos, e onde se lê a Vida e a Luta dum povo nobre e trabalhador nascido à beira do Atlântico, a Morte fechou um capítulo mais. E foi assim que na galeria sem fim e sem igual das gigantescas Figuras que são honra, glória e orgulho duma raça, deu entrada aquele que durante quase vinte e cinco anos nos conduziu pela senda do progresso, da paz e da crescente prosperidade.



A última recepção. A Comissária Nacional da M. P. F. e Deputada da Nação, momentos antes de apresentar os seus cumprimentos de Ano Novo ao Senhor Marechal Carmona.

desfile do povo perante os restos do Senhor Presidente, no Salão Nobre da Assembleia Nacional



UE RECORDAÇÃO—SAUDADE!



Junto das coroas enviadas por Chefes de Estado e grandes deste mundo, as flores humildes do povo.

Ele existirá enquanto existir Portugal — até ao fim dos séculos.

O que impressionou quando a sua morte foi conhecida, não foi a Nação ter vestido de luto, não foi as bandeiras descenderem a meia haste, foi antes a espontaneidade com que o Povo, o Povo que é a voz de Deus, manifestou o seu pesar.

É que na Alma de Portugal, deste Portugal pequeno mas tão grande que ele amou e, sobretudo, serviu, ele deixou mais do que uma recordação fugidia, deixou uma enorme e imperecível Saudade.

J. A.

Se de Norte a Sul de Portugal, das verdejantes colinas do Minho às mornas praias algarvias, das encostas escarpadas e rudes da Serra às infundáveis planícies alentejanas, e pelos cinco continentes, onde quer que houvesse um português, onde quer que ao vento tremulassem as quinas centenárias de Portugal, a morte do Marechal Carmona foi sentida, e mais ainda, foi chorada, é porque a sua vida foi querida e compreendida.

Entre muitos dos que fizeram grande este País pequeno, e ao Mundo mostraram a sua fé e a sua força, repousa agora aquele que nos governou num período grave da nossa História e até da própria História da Humanidade, e firmemente nos guiou até que alcançassemos de novo o nosso antigo prestígio internacional.

Enquanto o Mundo se agitava e fervia por entre ódios e paixões, enquanto de todas as partes se gritava «às armas», Carmona conseguiu — com Salazar — que os seus vinte e cinco anos de governo fossem vinte e cinco anos de paz e de tranquilidade. E foi sobretudo isto que Portugal lhe foi agradecer, desfilando respeitosamente perante o seu corpo, e respeitosamente acompanhando-o à sua última morada, numa última e sentida homenagem de dor e de reconhecimento.

Para nós que o vimos, que ainda hoje vemos a sua figura bondosa e afável. Ele viverá enquanto nós vivermos. Para os que vierem depois de nós, para os nossos filhos e os filhos dos nossos filhos,



No Mosteiro dos Jerónimos, as últimas homenagens e preces



A longa fila dos carros que conduzem as flores para os Jerónimos

Homem ontem, hoje saudade, amara

PARECIA-NOS que o Senhor Marechal Carmona não podia morrer, tanto ele incarnava a Pátria imortal.

Mas a morte chegou... Inevitável, ela acaba sempre por chegar, arrebatando grandes e pequenos: que todo o homem é mortal.

Mas, uns, desaparecem, quase sem deixarem vestígios da sua existência sobre a terra; outros permanecem, imortalizados na obra que deixaram.

Assim foi o Senhor Marechal Carmona. A urna que recebeu o seu corpo frio, não fechou no esquecimento o seu nome.

Nem tudo acaba à beira da sepultura: há uma eternidade onde entram os bons servidores, a descansar no seio de Deus; e o próprio mundo guarda a memória dos que bem serviram.

Do Senhor Marechal Carmona se pode dizer com verdade: «Homem ontem, hoje saudade, amanhã glória» — e não poderíamos encontrar palavras mais exactas e expressivas.

Dolorosamente, todos os portugueses tomaram parte no luto nacional pela morte do Chefe do Estado.

Pesar sincero, que fez cair lágrimas e elevou para o céu orações pelo eterno descanso da sua alma.

Em romagem ininterrupta, dia e noite, comovidamente, o povo desfilou perante os restos do «nosso Presidente», enchendo de luz a sua câmara ardente: a glória do túmulo dum Chefe de Estado é o amor e a gratidão dum povo.

É o povo que faz entrar os grandes homens na posteridade, ainda antes da história ser escrita.



Portugal inteiro, representado pelas bandeiras de todos os municípios, acompanhou o Senhor Marechal Carmona à sua última morada



A passagem da urna, homens ajoelham com respeito e comoção.



A multidão, ex

Lá estivemos também, na Assembleia Nacional, a rezar e a deixar as flores da M. P. F. orvalhadas de lágrimas... Lá estivemos, nos Jerónimos, a inclinar a nossa bandeira numa derradeira homenagem...

Mas o maior preito que podemos prestar à memória do Senhor Marechal

Carmona é não esquecer as suas palavras, que tantas vezes apelaram «para o profundo patriotismo, a dedicação ilimitada e o ilimitado desejo de servir o bem comum que deve inspirar todos os portugueses», — e imitar o seu exemplo.

Como dizia Rebelo da Silva na alo-



Em frente do Mosteiro dos Jerónimos, o M. P. F. inclinando a sua bandeira rende as últimas honras ao Senhor Presidente



A Comissária Na

há glória

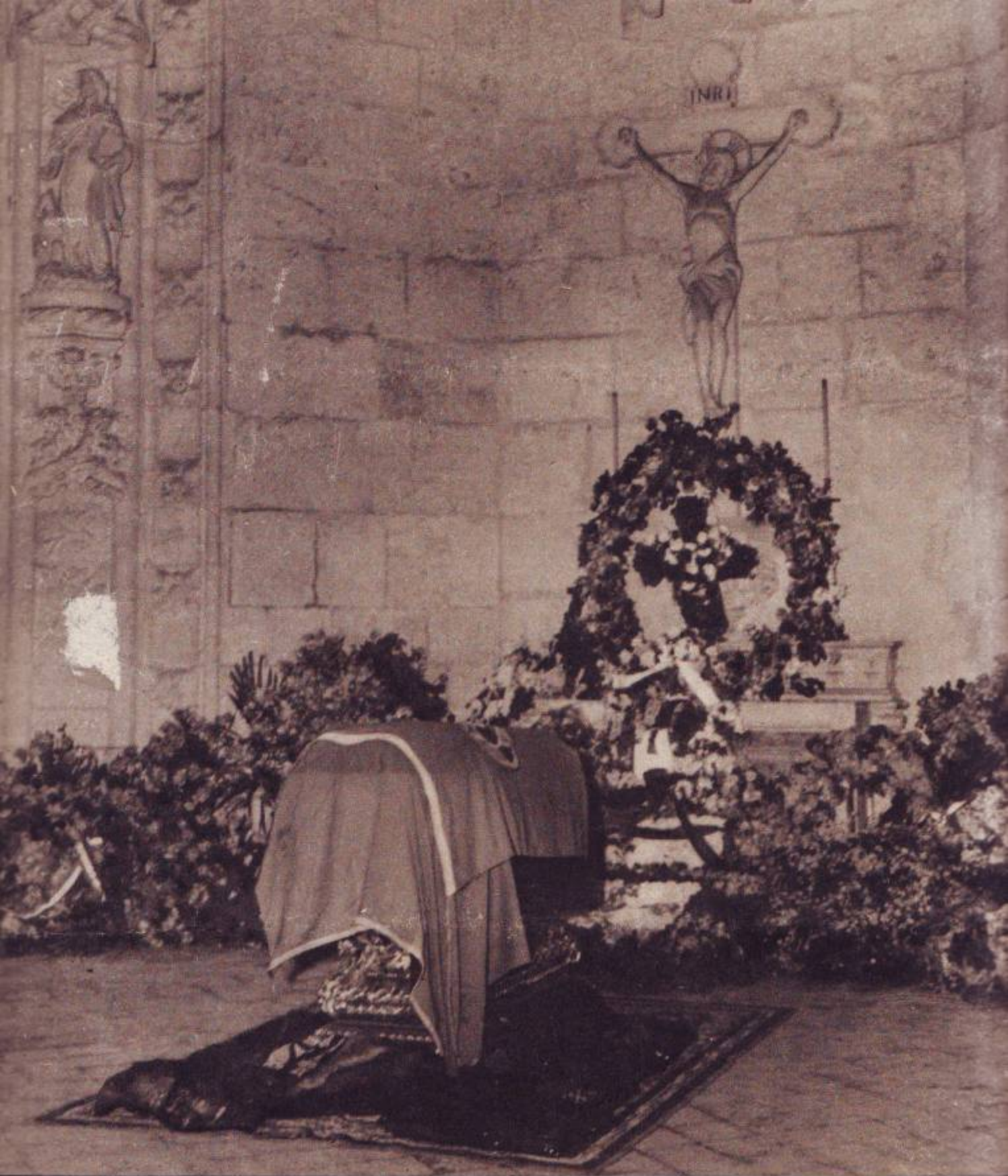


vez de entrar na Assembleia Nacional

«Adote a Pátria o que ficou dele, e a Nação poderá dizer: *sou digna da herança!*»

Procuremos ser «dignos da herança» que à custa de 25 anos de trabalhos e sacrifícios o Senhor Marechal Carmo nos legou.





Se nos fosse dado escolher uma inscrição para o túmulo do senhor Marechal Carmona, iríamos buscá-la às antigas inscrições das catacumbas, tão belas no seu profundo sentido cristão, despidas de vaidades e ricas de bênçãos e esperança. Parece-nos que ficaria lá bem, a condizer com a simplicidade do senhor Presidente e a realçar a beleza da sua vida :

«VIVE EM DEUS, DORME EM PAZ, REPOUSA NO BEM.»